

# A Segunda Guerra Mundial em Produções Cinematográficas Alemãs: Negação da Realidade e Minimização de Responsabilidades?

Alexander Magnus Alves Ribeiro<sup>1</sup>

**Titel:** A Segunda Guerra Mundial em produções cinematográficas alemãs. Negação da realidade e minimização de responsabilidades?

**Title:** The Second World War in german film productions. Denial of the reality and minimization of responsibilities?

**Palavras-chave:** Negação - Minimização - Responsabilidade - Controvérsia - Frente Oriental

**Schlüsselwörter:** Verleugnung - Minimierung - Verantwortung – Kontroverse - Ostfront

**Key-words:** Denial - Minimization - Responsibility – Controversy - Eastern Front

## Introdução

Passados setenta anos desde o final da Segunda Guerra Mundial, esse conflito sem precedentes na história militar e política continua fascinando e chocando gerações, além de servir de cenário para inúmeras criações cinematográficas. Muito já se falou escreveu e produziu acerca do tema e foram produzidos também muitos filmes. Independente da qualidade e fidelidade histórica desses filmes, o cinema alemão e seus cineastas vêm mostrando, aos longo dos anos, uma verdadeira obsessão em analisar sua história, deixando, porém, campo aberto para críticas e sentimentos de indignação e acusação, devido à suposta tentativa de minimizar ou esconder a culpa do povo alemão e de suas forças armadas, a *Wehrmacht*, ou de transferir para outros a culpa por seus crimes, contribuindo para o desenvolvimento de uma memória seletiva, num discurso que os tornaria as maiores vítimas da guerra.

---

<sup>1</sup> Professor de Alemão da Casa de Cultura Alemã da Universidade Federal do Ceará - UFC; Graduado em Letras pela UFC; Especialista em Tradução pela UFC; Pós-graduando em Letras (Master DaF) pela Technische Universität Berlin ; Email: [alexanderribeiro@hotmail.com](mailto:alexanderribeiro@hotmail.com)

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

Dessas discussões surgem questões perturbadoras. Até que ponto o povo alemão sabia do que se passava no front, sobretudo no front oriental, e até que ponto a *Wehrmacht* se manteve “limpa” no que se refere à questão do extermínio das populações indesejadas, sobretudo dos judeus? O presente artigo pretende incitar a reflexão, a discussão e a observação crítica destas e outras questões acerca deste tema tão delicado e polêmico, a partir da análise de produções cinematográficas alemãs dentro desse contexto histórico, na busca de uma representação mais completa e imparcial da guerra, especialmente na frente oriental.

### Contexto Histórico

Durante muito tempo, especialistas seguiram, em seus debates sobre crimes de guerra, a tendência de associar este tema à memória do Holocausto, desvinculando quase que totalmente a *Wehrmacht* de sua responsabilidade pelos crimes de guerra e crimes contra a humanidade cometidos pelo regime nazista. Apenas em 1995, com a abertura da exposição “Guerra de Extermínio: Crimes da Wehrmacht, 1941-1944”, em Hamburgo, Alemanha, é que a percepção pública sobre uma separação entre o Holocausto e o tipo de guerra perpetrado pela Alemanha passou a ser fortemente questionada. Com quase 1.000 fotografias, acompanhadas de textos que detalhavam o terror vivido por militares e civis durante o avanço alemão, algumas tiradas pelas companhias de propaganda do exército e outras por soldados, que muitas vezes as enviavam para casa ou as mantinham consigo como recordação, a referida exposição foi realizada com o objetivo de explorar e legitimar essa ligação.

Mostrando fotos de execuções, enforcamentos de civis, a destruição e pilhagem de cidades e vilas e os maus tratos aos prisioneiros de guerra, a exposição procurou demonstrar que o Holocausto foi parte integral da frente oriental. Os visitantes, dentre eles veteranos da guerra, muitos dos quais haviam vivenciado ou tomado conhecimento desses acontecimentos trágicos, reagiram com perplexidade, assombro, incredulidade e até ira. Os efeitos da exposição foram sentidos em toda a Alemanha, com manifestações de apoio e de rejeição. Devido a contradições e equívocos em algumas fotografias, a exposição sofreu pesadas críticas de jornalistas, historiadores e políticos, com repercussões até no *Bundestag*, o parlamento alemão. A repercussão desses equívocos, surgida a partir de denúncias de que algumas das fotos mostravam vítimas da NKVD (a

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

polícia secreta soviética), em vez de vítimas da *Wehrmacht*, foi tão grande, que a versão americana, mesmo com correções, que seria inaugurada no dia 2 de dezembro de 1999 em Nova York e apresentada com o título “Exército Alemão e Genocídio: Crimes contra Prisioneiros de Guerra, Judeus e Outros Civis, 1939-1944”, foi cancelada pelo Instituto de Pesquisa Social de Hamburgo, o qual também a suspendeu na Alemanha.

A exposição focou diretamente nos constantes debates na Alemanha sobre como compreender e aceitar o passado, questionando a natureza do Nacional-Socialismo e o conhecimento público sobre a cumplicidade com os mais hediondos crimes nazistas, com questões como as seguintes: O que constitui um crime de guerra? São crimes de guerra partes inevitáveis da guerra? Qual é a responsabilidade dos soldados “rasos” em crimes de guerra, em crimes contra a humanidade, em genocídio? E o que exatamente significa responsabilidade? Conhecimento implica cumplicidade? Observação passiva representa legitimação? Mesmo quando admitiam a dimensão e o horror dos crimes, muitos alemães tendiam a atribuir sua autoria a um círculo restrito de responsáveis, sobretudo à SS e à Gestapo, o que era mais cômodo e desejado, pois, dessa forma, a maior parte da população alemã se livraria da acusação de conhecer a dimensão dos crimes e de ter facilitado a sua execução quando apoiou ou fechou os olhos para o que se passava à sua volta (cf. BARTOV, GROSSMANN & NOLAN, 2005: 10, 11, 12 e 13).

Os soldados da *Wehrmacht*, por exemplo, procuraram por vezes justificar e minimizar suas ações criminosas usando como argumento o tratamento recebido pelos prisioneiros de guerra por parte dos russos e a atuação dos guerrilheiros. Vale citar que muitos críticos da exposição da *Wehrmacht* também rotularam muitas das vítimas como guerrilheiros, com a intenção de anular sua condição de vítimas e assim legitimar as ações da *Wehrmacht*. Bartov, Grossmann & Nolan (2005: 24) enfatizam que o número de alemães expulsos dos territórios orientais pelo Exército Vermelho tem sido comparado ao número de vítimas dos campos de extermínio, e o sofrimento dos soldados alemães em retirada é frequentemente relatado pelos alemães numa prosa angustiada e empática. Tornou-se comum, após a guerra, que os alemães minimizassem seus próprios crimes e responsabilidades, enfatizando, por outro lado, os crimes soviéticos, uma tendência que voltou no período pós-guerra fria.

Saul Friedländer, um reconhecido historiador do antissemitismo nazista e do Holocausto, demonstrou em seus estudos que a *Wehrmacht* colaborou de forma extensiva com os *Einsatzgruppen* (os esquadrões da morte da SS e da SD) nos

Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

assassinatos cometidos contra judeus, que os soldados frequentemente conversavam entre si sobre o assunto, e que, mesmo os que não concordavam com algumas ações, acabavam envolvidos na lógica da guerra de extermínio e aceitavam a forma como ela era conduzida, pois era uma máquina de guerra movida ideologicamente (cf. BARTOV, GROSSMANN & NOLAN, 2005: 28). Sobre este aspecto, Neitzel & Welzer (2013), analisam e apresentam protocolos de escutas secretas de conversas entre prisioneiros de guerra alemães na Inglaterra e nos Estados Unidos, trazendo revelações perturbadoras sobre o envolvimento e a convivência da *Wehrmacht* na guerra de extermínio, destruindo, assim o mito de uma atuação “limpa” e dentro das convenções de guerra.

## O Cinema Alemão e a Frente Oriental

É evidente o enfoque dado pelo cinema alemão ao tema referente ao regime nazista e suas consequências, na busca de compreender suas origens e, sobretudo, de respostas para tantas questões. A análise de produções cinematográficas alemãs sobre a Segunda Guerra Mundial não deveria, porém, ser dissociada desse polêmico contexto histórico e implica em reflexões que dizem respeito ao período do pós-guerra e à maneira como o tema foi abordado pelas esferas políticas e sociais na República Federal da Alemanha.

Nas décadas posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial, o tema central passou a ser o genocídio e os crimes contra a humanidade cometidos pelo regime nazista. A República Federal da Alemanha puniu culpados, concedeu compensações ao Estado de Israel e a sobreviventes da perseguição nazista, admitindo a necessidade de lidar com esse passado recente e de compreendê-lo e enfrentá-lo, demonstrando disposição em reconhecer os crimes de guerra. Segundo Bartov, Grossmann & Nolan (2005: 19), porém, os crimes eram admitidos mais rapidamente do que os criminosos; o foco estava em Auschwitz e não na *Wehrmacht*, ou seja, no assassinato em massa industrializado promovido pela SS, não no assassinato em massa cara a cara perpetrado também pelo exército no front oriental. Outro aspecto observado pelos referidos autores sobre a memória coletiva dos alemães referentes à Segunda Guerra Mundial é que eles preferiam incluir-se entre as vítimas do que entre os algozes, uma tendência que viria a influenciar de maneira significativa o modo como o conflito e as responsabilidades de cada segmento, civil e militar, seriam abordadas em diversas produções cinematográficas.

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

Moeller (2005) conecta o tema à frente oriental, analisando como a batalha de Stalingrado foi apresentada nos filmes do pós-guerra na Alemanha Ocidental, dentre eles o filme *Hunde, wollt ihr ewig leben?* (Cães, querem viver para sempre?), de Frank Wisbar, de 1959. Segundo Moeller, o filme resumia a compreensão reinante na Alemanha Ocidental da época. É um filme contra a guerra, que defende a coexistência pacífica e representa soldados alemães inocentes enviados a Stalingrado e deixados à própria sorte para morrer pela fanática liderança nazista, mas que é marcado por silêncios alarmantes. Ele mostra a tragédia daquela batalha como um melodrama onde o bem-intencionado cidadão comum vestindo uniforme enfrentava, além do inimigo soviético, a incompetência de seus superiores alemães, como um jogo entre mocinhos e vilões, e considera um engano completo igualar um pequeno grupo de criminosos dos campos de concentração aos milhões de honestos soldados alemães, evidenciando o que ocorria na Alemanha Ocidental dos anos 50 (cf. MOELLER 2005: 218 e 219). Porém, a narrativa começa apenas no ano de 1942 e nunca questiona como ou porque os alemães chegaram a Stalingrado, colocando-os como as vítimas principais do Nacional-Socialismo. É a representação, segundo Moeller, de um tipo de reabilitação, no qual as vítimas judias quase não aparecem e que se repete em filmes posteriores sobre Stalingrado, dentre eles *Stalingrad* (Stalingrado, 1993), de Joseph Vilsmaier.

Em *Stalingrado*, Vilsmaier não apresenta uma *Wehrmacht* inocente como Wisbar. Ele mostra soldados alemães no horror da guerra matando também prisioneiros de guerra desarmados e civis, um tema que Wisbar evita totalmente. Porém, os soldados são apresentados como estando lá a contragosto, isentos de culpa por assassinatos, como se fossem também um grupo de deportados, não para um campo de concentração, mas para um destino igualmente terrível. No filme, soldados alemães matam também civis inocentes, porém, apenas para cumprir ordens, pois, caso contrário, eles também seriam fuzilados. O tema do antissemitismo, que não aparece em *Hunde, wollt ihr ewig leben?*, é também focado. Porém, assim como nesse filme, Vilsmaier não explora o que levou os alemães ao Volga (cf. MOELLER, 2005: 223), apresentando um filme, o qual, segundo Andreas Kilb, colunista do *Die Zeit* (apud MOELLER, 2005: 224) mostra os alemães exatamente como a maioria gosta de pensar sobre si mesmos: como vítimas de nazistas enlouquecidos, do inverno russo, do Exército Vermelho e de uma guerra que eles nunca quiseram (cf. MOELLER, 2005: 224).

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

No que se refere à trajetória do VI Exército, Bernd Boll e Hans Safrian (apud MOELLER 2005: 225) demonstram que iniciar a história do referido exército em novembro de 1942 significa deixar o pior de fora. Mas é exatamente o que fazem Wisbar e Vilsmaier e, como observam Boll & Safrian, de virtualmente todos os estudiosos alemães do fim do VI Exército. Segundo Moeller (2005: 225), Boll & Safrian forneceram provas irrefutáveis de que o VI Exército, em seu avanço até Stalingrado, teve tempo de reunir e exterminar judeus e outros civis. A sua rota passou também por Babi Yar, na Ucrânia, onde seus soldados cooperaram ativamente com a SS no extermínio de cerca de 33 mil judeus. Além disso, eles ajudaram também no assassinato, por fuzilamento ou em vagões de gás, de cerca de 22 mil homens, mulheres e crianças judias em Kharkov, fatos excluídos nas referidas produções, que os apresentam apenas como homens cansados e não também como assassinos em massa.

A série *Unsere Mütter, unsere Väter* (“Nossas mães, nossos pais”) parece seguir a mesma linha sobre a guerra na frente oriental, apresentando o avanço alemão praticamente sem mencionar as atrocidades contra a população civil e prisioneiros de guerra, repetindo a tendência de desvincular a *Wehrmacht* desses crimes e de atribuir sua autoria a um círculo restrito de responsáveis, seguidos pelos colaboradores, neste caso, ucranianos e poloneses antissemitas. Segundo a diplomacia russa, a produção deixa a impressão de que a Alemanha está cansada de arrependimentos, tentando, assim, transferir a culpa para outros povos (cf. NOVOSÍLOVA 2013).

Começando em 1941, na véspera da invasão da Rússia, essa série tem como protagonistas os irmãos Wilhelm e Friedhelm, militares prestes a seguir para a invasão da Rússia, a enfermeira Charlotte, que quer dar sua contribuição para sua pátria (*Vaterland*) no front, o judeu Viktor e a cantora Greta, que mantém com ele um relacionamento. Eles se despedem prometendo um reencontro no Natal, quando a guerra terminar. A despedida transcorre em uma atmosfera festiva e otimista, o que não seria anormal após os sucessos alemães na *Blitzkrieg*. São ditas frases como: “Éramos jovens e sabíamos que o futuro nos pertenceria.” Na euforia da época, também nada de anormal, não fosse um detalhe: Viktor era judeu. Mas ele estaria incluído nesse futuro e nessa *Volksgemeinschaft* (conceito promovido durante o Terceiro *Reich*, que defendia uma comunidade nacional de etnia alemã, baseada na pureza racial)? Será que os amigos ainda não se davam conta da verdadeira situação dos judeus, mesmo já conhecendo a mensagem clara de um livro como o *Mein Kampf*, de Hitler? Na ocasião,

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

Viktor até brinca vestindo o uniforme nazista. Será que se poderia brincar com isso, naquela situação? As Leis de Nuremberg, de 1935, e a *Reichskristallnacht* (Noite dos Cristais), de 1938, não eram sinais suficientes da seriedade da situação para os judeus? Wilhelm Winter já era veterano condecorado das campanhas da Polônia e da França. Ele não vira violência suficiente contra judeus e outros grupos, sobretudo na Polônia, para imaginar que, no “Natal em Berlim” planejado por eles após a vitória alemã, Viktor estaria excluído? A campanha da Polônia fora tão violenta que até Leni Riefenstahl, a cineasta de Hitler, que seguiu para filmar o avanço alemão na Polônia, se horrorizou com a brutalidade e com o massacre de judeus, a ponto de fazer uma denúncia ao general responsável e retirar-se imediatamente do front. (cf. SCHERER 2012). Vale ressaltar que o avanço alemão através da Polônia não é mostrado na série.

## Conclusão

Como argumentou Moeller (2005), talvez fosse o momento de se repensar as noções existentes sobre os papéis de vítima e algoz e de construir o tipo de história complexa proposto pelo novelista soviético da Segunda Guerra Mundial, Vasillii Grossmann (apud MOELLER 2005: 229), em seu épico *Life and Fate* (Vida e Destino), aonde a história iria da Alemanha até Stalingrado, com a explicitação de todos os horrores e crimes da invasão alemã, mas também mostrando o calvário dos prisioneiros alemães até o cativeiro. Ou seja, uma narrativa que apresente os soldados alemães como agentes e vítimas de uma violência extraordinária, na qual judeus e outras vítimas soviéticas tenham voz e onde as vítimas não sejam apenas inocentes e expressem a mais pura verdade e os carrascos sejam julgados e recebam a pena merecida. Em suma, uma representação onde judeus e russos, bem como outros povos envolvidos possam ter voz, e os alemães sejam vítimas, mas também algozes.

## Referências bibliográficas

- BARTOV, Omer; Grossmann, Atina; NOLAN, Mary (orgs.). *Crimes de Guerra. Culpa e Negação no Século XX*. Rio de Janeiro: Difel, 2005.
- BOLL, Bernd; SAFRIAN, Hans. *Aus dem Weg nach Stalingrad: Die 6. Armee 1941/42, em Vernichtungskrieg*. In: BARTOV, Omer; Grossmann, Atina; NOLAN, Mary

## Alves Ribeiro, A. M. – A 2ª Guerra Mundial no Cinema

- (orgs.). *Crimes de Guerra. Culpa e Negação no Século XX*. Rio de Janeiro: Difel, 2005: 262-263.
- ELIAS, Paulo Roberto. O Cinema Alemão Moderno e sua Obsessão em Analisar a História. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://webinsider.com.br/2013/08/02/o-cinema-alemao-moderno-e-sua-obsessao-em-analisar-a-historia/&gws\\_rd=cr&ei=xe4FVaaS0ZPmgwSPoISoCA.html](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://webinsider.com.br/2013/08/02/o-cinema-alemao-moderno-e-sua-obsessao-em-analisar-a-historia/&gws_rd=cr&ei=xe4FVaaS0ZPmgwSPoISoCA.html)>. (Acesso em: 25/10/2015)
- FRIEDLÄNDER, Saul. A Wehrmacht, a Sociedade Alemã e o Conhecimento do Extermínio em Massa dos Judeus. In: BARTOV, Omer; Grossmann, Atina; NOLAN, Mary (orgs.). *Crimes de Guerra. Culpa e Negação no Século XX*. Rio de Janeiro: Difel, 2005: 53-66.
- NOVOSIÓLOVA, Elena. Filme alemão sobre Segunda Guerra Mundial choca russos. Disponível em: [http://gazetarussa.com.br/arte/2013/05/09/filme\\_alemao\\_sobre\\_segunda\\_guerra\\_mundial\\_choca\\_espectadores\\_russos\\_19131](http://gazetarussa.com.br/arte/2013/05/09/filme_alemao_sobre_segunda_guerra_mundial_choca_espectadores_russos_19131)>. (Acesso em 02/11/2015)
- MOELLER, Robert G., H. “Em Mil Anos, Todo Alemão Vai Falar Desta Batalha”: Memórias em Celulóide de Stalingrado. In: BARTOV, Omer; Grossmann, Atina; NOLAN, Mary (orgs.). *Crimes de Guerra. Culpa e Negação no Século XX*. Rio de Janeiro: Difel, 2005: 199-230.
- NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. *Soldados: Sobre lutar, matar e morrer. As práticas bárbaras dos soldados do Terceiro Reich reveladas em gravações secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SCHERER, Alexander. YouTube. Leni Riefenstahl – *A Deusa Imperfeita*: Mai 2012. Online video clip. *YouTube*. 18 Mai 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXnGIdpRiu4>. (Acesso em: 25/10/2015)